

Um requiem com vida e com Theodossiou

01.04.2007

O Grande Auditório do Centro Cultural de Belém encheu-se e aplaudiu generosamente uma obra muito amada do compositor italiano Giuseppe Verdi - o seu Requiem. A Messa da Requiem não é uma ópera, mas não está longe do drama musical. Os solistas não representam, mas em vários momentos dialogam e interagem musicalmente como se estivessem em cena. Por trás do texto latino da missa de defuntos parece haver, em determinadas passagens, um subtexto teatral, abrindo os sentidos do texto religioso e transportando a peça para outras dimensões. Foi um requiem mais enérgico do que lamentoso, mais um canto vivo do que uma missa de defuntos. E como podia ser doutra maneira, com a música empolgante de Verdi? Para que isso fosse possível, foi importante uma direcção bastante dinâmica e clara de Donato Renzetti, que não empastelou as passagens mais líricas e puxou sempre para a frente, assumindo sem medo as violentas secções do Dies Irae e conseguindo dar forma às grandes massas sonoras deste requiem, mas também aos seus fortes contrastes dinâmicos. O enorme coro (que reunia o Coro do Teatro Nacional de São Carlos e o Coral Lisboa Cantat) esteve muitíssimo bem, capaz de ser discreto quando era preciso dialogar com um solista, mas também poderoso e terrível nas passagens de tutti em fortíssimo. Os solistas estiveram à altura da bela música de Verdi, mas há que fazer uma distinção: Dimitra Theodossiou foi a única capaz de transportar e transformar a verdadeira emoção da música de uma forma contida e sustentada durante toda a obra. Os seus pianíssimos claros, audíveis e transparentes, a sua forma de cantar e de atacar as notas e segurar as linhas melódicas trouxe-nos, até àquele final quase falado, o tal dramatismo verdiano para o palco de uma forma singular. A meio-soprano Gloria Scalchi teve bons momentos, mas nem sempre os inícios das frases melódicas eram convincentes, para além de alguns desequilíbrios dinâmicos e algum descontrolo da voz. Fábio Sartori esteve bastante bem no seu estilo de tenor operático, embora com alguns fraquejos nas passagens menos empolgadas, enquanto Maurizio Muraro foi um baixo discreto, mas competente.

Pedro Boléo